



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

ERISLENE MORAIS VIEIRA

**O Palimpsesto da Memória: O Centro Cívico Tensionado entre à Memória e
a Política (1966-2020)**

**PARNAÍBA-PI
2025**

ERISLENE MORAIS VIEIRA

O Palimpsesto da Memória: O Centro Cívico Tensionado entre à Memória e a Política (1966-2020)

Artigo apresentado à Universidade Estadual do Piauí, campus Professor Alexandre Alves de Oliveira, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em História.
Orientador(a): Prof. Dr. Idelmar Gomes Cavalcante Junior.

**PARNAÍBA
(2025)**



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI
CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E
EXTENSÃO
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
COORDENAÇÃO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA



ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos nove dias do mês de janeiro de dois mil e vinte e cinco, às 8:30, em sala virtual do Google Meet (meet.google.com/myd-rcfz-rtz), na presença da banca examinadora presidida pelo professor **Idelmar Gomes Cavalcante Júnior** e composta pelos seguintes professores membros: **Felipe Augusto dos Santos Ribeiro** e **Francisco José Leandro Araújo de Castro**, a aluna **Erislene Moraes Vieira** apresentou o Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Licenciatura Plena em História, como elemento curricular indispensável à colação de grau, tendo como título: **O Palimpsesto da Memória: O Monumento Cívico Tensionado entre à Memória e a Política (1966-2020)**. A banca examinadora reunida em sessão reservada deliberou e decidiu pela **APROVAÇÃO** da candidata e eu, professor Idelmar Gomes Cavalcante Júnior, na qualidade de presidente da banca, lavrei a presente ata que será assinada por mim, pelos demais membros e pela aluna apresentadora do trabalho.

Obs.: **Nota 8,5**

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **IDELMAR GOMES CAVALCANTE JÚNIOR**
Data: 11/01/2025 08:24:00-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr. **Idelmar Gomes Cavalcante Júnior** (Orientador)
Universidade Estadual do Piauí

Documento assinado digitalmente
 **FELIPE AUGUSTO DOS SANTOS RIBEIRO**
Data: 11/01/2025 09:06:47-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. **Felipe Augusto dos Santos Ribeiro** (Examinador Interno)
Universidade Estadual do Piauí

Documento assinado digitalmente
 **FRANCISCO JOSE LEANDRO ARAUJO DE CASTR**
Data: 11/01/2025 08:30:57-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. **Francisco José Leandro Araújo de Castro** (Examinador Externo)
Secretaria Estadual de Educação do Ceará – SEDUC-CE

Documento assinado digitalmente
 **ERISLENE MORAIS VIEIRA**
Data: 10/01/2025 15:54:47-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Erislene Moraes Vieira (Graduanda)

Dedico este trabalho, em primeiro lugar, a Deus, por me dar forças, luz e sabedoria para seguir em frente, mesmo nos momentos de dificuldade. Foi Ele quem me sustentou e me deu coragem para não desistir dos meus sonhos e objetivos, permitindo-me superar os obstáculos ao longo da minha jornada acadêmica. Apesar das adversidades que encontrei, a fé em Deus sempre foi minha fonte de esperança e motivação para continuar lutando por aquilo que almejo. À minha mãe, Silvilene, e ao meu pai, Erismar, minha eterna gratidão. Vocês sempre acreditaram em mim, mesmo quando eu duvidava das minhas próprias capacidades. Foram vocês que me ensinaram o valor do esforço, da dedicação e da perseverança. Desde os primeiros passos da minha vida, vocês me impulsionaram a buscar uma profissão digna, a lutar pelos meus objetivos e a me dedicar com o máximo de empenho para alcançar o sonho de ingressar em uma universidade. Se estou aqui hoje, é por causa do amor incondicional e do apoio constante de ambos. Cada sacrifício feito, cada palavra de incentivo, e cada gesto de carinho e compreensão me motivaram a continuar, mesmo quando o caminho parecia incerto. Não tenho palavras suficientes para agradecer tudo o que fizeram por mim. Sem vocês, eu não teria chegado até aqui. O meu sucesso é, em grande parte, reflexo do amor, da dedicação e dos ensinamentos de vocês. Obrigada por estarem sempre ao meu lado, por serem minhas maiores fontes de força e inspiração.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor Idelmar Gomes Cavalcante Junior pelas valiosas indicações de textos, orientações, reuniões e pelo tempo que dedicou a esclarecer minhas dúvidas, além das importantes dicas que contribuíram para o aperfeiçoamento do meu trabalho. Agradeço também ao corpo docente do curso de **Licenciatura Plena em História**, que, com tanto comprometimento, nos guiou e nos proporcionou um aprendizado enriquecedor. Cada professor, com sua singularidade e experiência, foi fundamental para minha formação, e mesmo nos momentos mais desafiadores, como os primeiros três períodos de aulas remotas em decorrência da pandemia de COVID-19, eles se mostraram sempre dispostos a ajudar e apoiar, com muita compreensão e dedicação. Mesmo à distância, pude sentir o compromisso genuíno de todos em garantir que a formação dos alunos não fosse prejudicada, o que certamente fez toda a diferença nesse período atípico. Gostaria de expressar minha gratidão também aos **subprojetos** oferecidos pelo curso, em parceria com a **CAPES** e a **UESPI**, como o **PIBID 2020-2022** e a **Residência Pedagógica 2022-2024**. Esses projetos foram uma oportunidade ímpar de vivenciar a prática docente de perto e de estabelecer uma conexão mais profunda com a realidade da sala de aula, especialmente com estudantes do ensino fundamental e médio. As trocas de conhecimento e as experiências vividas nesses projetos não só enriqueceram minha formação acadêmica, como também proporcionaram um crescimento pessoal imensurável. A experiência em sala de aula, a troca com os alunos e os desafios enfrentados foram fundamentais para moldar a minha prática pedagógica e, mais do que isso, para me fortalecer enquanto profissional da educação. Por fim, agradeço aos meus colegas pelo convívio diário na universidade, pelas experiências compartilhadas em trabalhos, estágios, apresentações e, principalmente, pelas risadas durante esse período de graduação.

O Palimpsesto da Memória: O Centro Cívico Tensionado entre à Memória e a Política (1966-2020)

Erislene Moraes Vieira

Idelmar Gomes Cavalcante júnior

RESUMO

O objetivo principal desta pesquisa é analisar as pretensões políticas associadas à memória apresentadas no Centro Cívico da cidade de Parnaíba-PI, desde o início da sua construção em 1966. Este projeto foi desenvolvido pelo prefeito Lauro de Andrade Correia, em conjunto com Régis de Athayde Couto, que era estudante de arquitetura na época. O intuito era registrar em um monumento as principais campanhas vitoriosas da história da cidade, transformando-o em um palco para celebrar o civismo e a memória. Consequentemente, tornou-se um espaço para discursos políticos ao longo dos anos, como mencionado pelo prefeito Francisco Moraes Sousa. Nesse sentido, com o passar do tempo, o centro cívico se transformou em um palanque de interesses políticos pessoais de governantes municipais. A obra foi projetada inicialmente para celebrar o civismo e a identidade local, mas suas transformações posteriores revelam as disputas de interesses políticos e a construção de narrativas históricas. Além disso, indivíduos importantes que se destacaram no meio social, econômico e, principalmente, político da sociedade parnaibana e do país foram homenageados com placas e lápides no monumento às modificações, culminando em homenagens controversas, como a placa em memória do ex-presidente Jair Bolsonaro. Portanto, o centro cívico será comparado neste trabalho a um palimpsesto, que é um pergaminho reutilizado a cada nova mudança na escrita, mas que mantém seu objetivo inicial, utilizado na Idade Média por monges copistas. Assim, ao longo dos anos, o centro cívico foi se transformando em uma ferramenta de interesses políticos e sociais de grupos dominantes na sociedade parnaibana, preservando seu objetivo de apresentar a memória, mas com conceitos políticos. Assim, o centro se revela não apenas como um símbolo de identidade, mas também como um campo de disputa de memória que perpetua os interesses de grupos dominantes, utilizando conceitos de memória coletiva, poder e representação.

Palavras-chave: Memória; Centro Cívico; Parnaíba; cívico, Política

Introdução

Primeiramente, o intuito norteador dessa pesquisa é analisar as pretensões políticas associadas à memória apresentadas no Centro Cívico da cidade de Parnaíba-PI. Trazendo consigo interesses pessoais em relação às disputas políticas, apesar disso, o monumento teve como intuito original relembrar grandes recortes da história da cidade, desde seu planejamento pelo então prefeito Lauro de Andrade Correia, com o objetivo principal de construir um palco para celebrar as campanhas vitoriosas da cidade. Assim, transformou-se em um monumento importante, onde ocorrem desfiles cívicos em comemoração ao 7 de setembro, em alusão à independência do Brasil, e ao 14 de agosto, aniversário da cidade, além de outras datas municipais. Podemos ver que se destacam pontos importantes a serem relembrados, que, de certa forma, com o passar dos anos, se tornaram uma ferramenta político-social utilizada para transferir à sociedade conceitos e interesses por trás da memória cívica.

Assim, é válido pontuar os acréscimos nas construções e reconstruções atribuídos ao longo dos anos a esses discursos ideológicos das autoridades locais, que legitimaram um determinado recorte historiográfico e político da história do monumento cívico de Parnaíba-PI. Nesse sentido, a pesquisa analisa uma comparação (metafórica) do monumento cívico com um palimpsesto. Esse objeto consistia basicamente em um papel ou pergaminho que servia para escrever e reescrever a partir da mudança do texto, sendo logo raspado para dar vida a outro. Essa prática era comum na Idade Média. Assim, essa comparação se deve principalmente ao lugar de disputas ideológicas que o monumento cívico ocupou ao longo de sua trajetória; apesar das mudanças ocorridas, acabou se tornando um palanque de discursos relacionados à memória.

A memória coletiva desempenha um papel fundamental na construção da identidade de uma sociedade, funcionando como um fio condutor que conecta o passado ao presente. Neste contexto, os monumentos surgem como símbolos significativos, materializando memórias e narrativas que moldam a percepção de um lugar e de seu povo. O monumento cívico de Parnaíba, exemplifica essa dinâmica, servindo não apenas como um espaço de celebração cívica, mas também como um locus de disputa política e social. Sendo assim, podemos mencionar também a importância de observarmos a memória, que está vinculada a um símbolo de representação da sociedade moderna.

Apesar de ser uma ferramenta de identificação de um grupo, esta pode ser afetada por mecanismos de manipulação ou até mesmo oportunismo, para reforçar conceitos de grupos

dominantes que podem exercer essa função. Ao longo do texto, serão discutidos conceitos-chave sobre memória e patrimônio, a importância dos lugares de memória, e como as transformações sofridas pelo monumento revelam a intersecção entre a história oficial em homenagens. Assim, este estudo não apenas contribui para a compreensão do monumento cívico de Parnaíba, mas também para o debate mais amplo sobre a memória coletiva e suas implicações na construção da identidade local.

O recorte historiográfico basear-se-á principalmente no período da construção do monumento, em 1966, até o ano de 2020. Dessa forma, foi realizada uma entrevista com o arquiteto que desenvolveu a planta original da construção do centro cívico. O trabalho será dividido em três tópicos: o primeiro relatará uma breve história do monumento; o segundo abordará a questão do conceito de memória; e o último discutirá as transformações ocorridas com os mandatos dos prefeitos da cidade. O primeiro tópico abordará a história do monumento cívico, com o objetivo de analisar sua construção e os elementos que contribuíram para sua edificação abordando a história do monumento cívico, A análise também buscará compreender os processos que envolveram sua construção e seus agentes. O segundo tópico refletirá sobre a questão da memória, explorando como os monumentos cívicos atuam como agentes de preservação e transmissão de memórias coletivas. Será discutido como a memória é seletiva A reflexão também abordará a relação entre memória, identidade e poder, questionando quem decide o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido. Por fim, denominado como palimpsesto da memória, o último tópico tratará das representações ao longo do tempo, analisando como o monumento cívico é reinterpretado e ressignificado ao longo dos anos.

A história do monumento cívico

Diante da análise do sociólogo francês Maurice Halbwachs sobre a relação entre memória e história pública, o pesquisador afirma que lembrar um determinado acontecimento do passado não significa reviver, mas sim refazer, reconstruir e, sobretudo, escolher quais memórias e experiências do passado precisam ser lembradas e revividas na sociedade (BARBOSA, 2014, p. 18). A memória não é apenas um sonho ou um fato individual, mas sim um trabalho consecutivo de manutenção e preservação (BÓSI, 1994, p. 55). Pode-se analisar,

portanto, que a memória é inserida nesse processo de reconstrução, com mecanismos que consistem em observar determinadas disputas de escolhas na sociedade, como, por exemplo: o que lembrar e por quem escolher o que será lembrado. Assim, a partir dessas perguntas, pode surgir um perfil de memória moldado para ser celebrado na sociedade. Os monumentos não podem ser entendidos de forma diferente; ao analisarmos, vemos essas relações como representações factuais do passado. Dessa forma, ao analisarmos o Centro cívico de Parnaíba, percebemos que foi criado com o propósito de registrar determinados momentos da história da cidade.

Sob a administração do prefeito Lauro de Andrade Correia, que exerceu mandatos entre os anos de 1963 e 1967, o então gestor obteve um currículo com grandes feitos no Piauí e, conseqüentemente, para a cidade. Alguns desses feitos podem ser destacados: ele tornou-se um dos líderes administrativos da Moraes S.A., uma importante indústria na história comercial de Parnaíba, além de ter sido presidente da Frigorífico do Piauí (FRIPISA), Federação das indústrias do Piauí (FIEPI). Lauro Correia também foi professor, advogado, jornalista e entusiasta da história do Piauí/Parnaíba, além de engajado em transformar a cidade com projetos urbanísticos para desenvolver uma Parnaíba moderna, em moldes similares às outras capitais do país (MOREIRA, 2020, p. 98).

Nesse sentido, ele é considerado um dos pioneiros a realizar uma administração planejada em território piauiense nos setores de arquitetura e códigos de obra. Aprofundado nesse campo de estudos urbanísticos, contribuiu para dar ênfase a uma cidade moderna rumo ao progresso, um conceito amplamente debatido no Brasil na década de sessenta, período marcado pelo regime cívico-militar no país no contexto desse regime autoritário, havia uma ênfase na modernização e no progresso, que se refletia em diversas ações e projetos urbanos.

Essas mudanças estavam alinhadas com o discurso oficial do regime, que promovia a ideia de um Brasil moderno, em crescimento e desenvolvimento, que possivelmente refletiu na sociedade e em seus líderes administrativos em Parnaíba. Segundo o historiador Leandro de Castro “ Mais do que um simples gesto de saudação aos signos identitários do novo regime, como forma de angariar a simpatia dos militares, a construção de tal monumento, a meu ver, representava uma tentativa de relacionar o contexto de mudança que se vivia a uma dada história política tradicional da cidade”.(CASTRO, 2022, p. 310). Assim, a junção desses fatores—o regime militar e o desejo da elite tradicional local de destacar Parnaíba—resultou em uma busca pela construção de uma imagem de progresso, ordem .

O regime militar com proposta de novas ideias de resgatar os símbolos nacionais, herois, reforçando a ideia de patriotismo que refletiu na bandeira nacional como ordem e

progresso, se relacionou com uma pequena elite parnaibana tradicional ansiosa para demonstrar os grandes feitos de sua cidade. À vista disso, nas primeiras décadas do século passado, Parnaíba se tornou um dos principais pontos comerciais do estado. O crescimento econômico propiciou a formação de “[...] uma elite mais ilustrada, ciosa de investimentos que traduzissem o sentido de pertencimento da cidade ao mundo moderno” (TOURINHO, 2015, p. 49).

Dessa forma, Lauro Correia tinha como desafio buscar a unidade territorial, fazendo com que Parnaíba tivesse uma identidade municipal e, conseqüentemente, se destacasse dos demais municípios. Assim, ele realizou planos urbanísticos por meio dos Planos Quinquenais, que estavam inseridos em seu plano de governo, cujo objetivo principal era a urbanização da cidade, a construção de avenidas, praças e monumentos, tudo para dar ênfase ao ideal de cidade moderna que ele queria para Parnaíba. Ele era diretor desse departamento e tinha a função de gerenciar todos esses projetos e desenvolver a cidade, dando-lhe uma nova paisagem contemporânea. Isso impulsionou a construção de várias obras, sendo uma delas o monumento cívico (MOREIRA, 2020). Segundo Moreira “ como administrador de sensibilidade artística cuidou do problema urbanístico , dando um toque todo especial à cidade, às praças e avenidas, ao deixar o governo tinha transformado Parnaíba , num canteiro de obras. (MOREIRA, 2020 , P. 181), com uma visão artística, abordou problemas urbanísticos em Parnaíba. Isso resultou em transformações significativas na cidade, com melhorias em praças e avenidas.



Fotografia de Erislene Moraes Vieira; Acervo Régis Couto

Sendo assim, Lauro Correia teve como objetivo evidente a realização do “Altar da Pátria”, como foi denominado pelos jornais da época, como, por exemplo, o Almanaque da Parnaíba, fundado em 1924 pelo comerciante Benedito dos Santos Lima. Essa publicação é uma importante fonte para a compreensão da história da cidade, onde se publicaram textos, anúncios, propagandas e poesias. Outro autor a expressar sua festividade e alegria foi Caio Passos em seu livro *Cada rua sua História; Parnaíba* o autor compara “ O centro Cívico, que é o altar da pátria, a catedral do civismo”.(PASSOS,1982, p.3). Dessa forma, o Centro cívico se tornou um dos símbolos do governo de Lauro de Andrade Correia, apresentado pelo Almanaque com o objetivo de registrar os grandes momentos da história da cidade e, ao mesmo tempo, estimular o espírito cívico do parnaibano. Ele dotou a cidade com a elaboração de símbolos municipais: bandeira, hino, armas e selo (MOREIRA, 2020, p. 183).

Contudo, todas essas contribuições foram marcas de seu governo como prefeito, evidenciando um monumento que representa grandes eventos e, conseqüentemente, pessoas que foram importantes na elite com funções de poder político. Dessa forma, podemos perceber que...

Os memorialistas constroem uma narrativa fantástica, que une ao espírito da época o imaginário popular e a memória histórica de Parnaíba, exaltando alguns acontecimentos em detrimento de outros. Eles constroem uma identidade para a população e criam novos imaginários populares a partir daqueles que já existiam (NASCIMENTO, 2015, p.19).

Um desses personagens é Simplício Dias da Silva, considerado por muitos como uma representação de um herói da cidade, com feitos administrativos que o tornaram um dos principais líderes da elite dominante da sociedade. Ele era descendente de Domingos Dias da Silva, principal nome da fundação do Porto das Barcas, importante ponto de comercialização econômica da cidade com os estados do Brasil e até com outros países. Essa narrativa, na escrita da história de Parnaíba, expressa o orgulho pela figura de Simplício Dias, que contribuiu para a manutenção de um ideal de identidade municipal, mas também patriótico. “A criação de uma narrativa apologética à figura de grandes homens perpassa as produções literárias em Parnaíba no século XX. Os literatos e memorialistas parnaibanos evidenciaram os feitos heroicos daqueles que consideravam exímios líderes, destacando suas biografias e comemorando datas cívicas” (MIRANDA, 2023, p. 40). Sendo assim..

Os Dias da Silva foram os charqueadores da Vila de São João da Parnaíba que apresentaram maior visibilidade na historiografia local. Tal expressão definiu-se pelo tamanho de sua fortuna, pelos prédios que deixaram construídos, e pelo papel que tiveram na vida política associado à alardeada vida faustosa que levaram, cujas histórias ficaram na memória dos moradores, impondo-se à história local. (REGO, 2013, p. 140)

Além disso, Lauro Correia repassou seu plano para um aluno de arquitetura da época, Régis de Athayde Couto, com quem desenvolveu o projeto de acordo com as necessidades do então prefeito. Segundo o arquiteto que realizou o projeto do centro cívico, Régis Couto...

“era de registrar toda a campanha vitoriosa de parnaíba tanto do passado como os do que viriam, e a manutenção do nome da cidade, porque Parnaíba disputava naquela época com outros municípios para ter o mesmo nome, já que não poderia ter o mesmo nome no país, tinha santana do parnaíba então logo nossa cidade precisava firmar o seu nome.” (COUTO, 2024).

Então, o intuito era diferenciar Parnaíba das demais cidades, autenticando assim seu nome e construindo uma identidade local para afirmar a construção dessa identidade através da memória. Com isso, o objetivo era reforçar a história simbolizada no monumento, mostrando a importância de homenagens a pessoas significativas na cidade. Desde o início, pensou-se em um espaço para armazenar placas e lápides, como se fosse um memorial. As

placas homenageariam personagens importantes, como políticos, além da primeira turma de administração da Universidade Federal do Piauí. Outra questão relevante era a realização de desfiles cívicos em datas comemorativas, algo planejado desde o início do projeto como um palco para celebrar o civismo e a memória. Isso daria espaço para falas e discursos de políticos durante essas datas, como o aniversário da cidade, o 7 de setembro e o Dia do Piauí.

Nesse sentido, podemos mencionar que, em termos de dimensões, o Centro Cívico é um dos maiores da cidade. Ele está localizado de forma estratégica em uma das principais praças, denominada Praça Santo Antônio, destacando o Monumento do Centenário da cidade (1844-1944), além de estar próximo a locais de importância histórica, como o Colégio Nossa Senhora das Graças, e a avenidas principais que ligam ao centro da cidade. Segundo Régis Couto, esse lugar sempre foi a primeira escolha para a construção, pois antigamente “eram feiras e parques infantis por causa da localização privilegiada” (COUTO, 2024).

O projeto arquitetônico teve como intuito registrar os maiores marcos da história da cidade, com o ideal de celebrar os heróis e conquistas de Parnaíba, incluindo lápides de pessoas que contribuíram para o passado, como a família Dias da Silva, considerada uma das principais fundadoras da cidade, além de outros políticos. De acordo com o autor Felipe Queiroz de Campos: “ O passado Histórico passou a ser cuidadosamente selecionado pelos mais diversos governos com o intuito de se construir as identidades nacionais [...] a partir dessa ordem burguesa”(CAMPOS, 2021, p.92).

Nesse sentido, segundo o arquiteto Régis Couto, responsável pela obra, outra forma de idealização para reforçar a ideia de unidade territorial foi a utilização de carnaúbas, ou pés de carnaubeiras, no Centro Cívico. Assim, podemos observar que a colocação de carnaúbas, importante produto que ficou marcado na história comercial da cidade, apresenta um simbolismo significativo em relação a esse período, já que Parnaíba exportou a cera e outras formas de extrativismo vegetal, o que ajudou no crescimento comercial da cidade, colocando-a como a locomotiva do estado pelo seu boom econômico nos anos de 1930. Segundo a professora Veras, ...

Parnaíba, cidade localizada no Norte do estado do Piauí, a 366 km da capital Teresina, não ficou alheia a esse processo. Sendo a segunda maior cidade do estado, Parnaíba vivenciou até meados do século XX um intenso desenvolvimento econômico, baseado na exportação de produtos oriundos do extrativismo vegetal, como a borracha de maniçoba (1900-1915), a cera de carnaúba e a amêndoa do babaçu (1910-1950).(VERAS, 2019, p. 2).

Nesse sentido, de acordo com Régis Couto, o prefeito Lauro Correia teve” preocupação de coletar pedras de todos os municípios na época o Piauí tinha 164 municípios e colocou lá no monumento, todos os municípios mandaram”. Dessa forma, as pedras estão no monumento para indicar a unidade territorial do Estado, sendo assim, um gesto simbólico e importante ao analisarmos todos esses detalhes que foram acrescentados durante a sua construção podemos perceber que fazem sentido para reforçar até nos mínimos detalhes a preocupação de se elaborar de fato uma identidade para esse monumento.

A Seletividade da Memória

Segundo o historiador Jacques Le Goff (1990), a memória é a propriedade de conservar e reformular uma determinada informação a partir de um conjunto de funções psíquicas que nos permitem acessá-las e interpretá-las (BARBOSA, 2014). A essas informações, denominamos memória. Durante as décadas passadas, várias áreas de estudo foram voltadas para compreender esse conceito: psicologia, sociologia, entre outras. Por fim, podemos destacar também a história, especialmente no que diz respeito à construção da memória no coletivo social e como a conservação da memória requer vários mecanismos de reprodução e preservação.

Partindo dessa análise conceitual, o paradigma de que a memória é formulada pelo ser individual foi perdendo força com o surgimento de estudos da história social, voltados para esse olhar no coletivo (BARBOSA, 2014, p. 17). Dessa forma, com o surgimento de novas análises sobre a sociedade em conjunto com os indivíduos sociais, o tecido coletivo busca não apenas personagens e singularidades específicas, mas também a pluralidade na história social, que é o resultado das relações sociais compartilhadas em uma sociedade e que resulta na interação entre memórias pessoais e coletivas. A memória deixa de ser individual e passa a ser social, adentrando o campo coletivo (BARBOSA, 2014, p. 17).

Dito isso, são utilizados alguns recursos que facilitam a propagação, mas também a padronização de uma certa memória social. Podemos mencionar, por exemplo, lugares e monumentos, símbolos e outros mecanismos que facilitam esse sistema de memorização de um determinado evento histórico na historiografia, permitindo que seja repassado por várias gerações com seu objetivo conservado ou reformulado. Pode-se afirmar, portanto, que a memória é construída por pessoas e personagens (POLLAK, 1992, p. 3).

Dessa forma, quando a memória é imersa na sociedade, divulgada e representada com o intuito de repetir e reforçar alguma ideologia de um grupo, são utilizados símbolos, cerimônias, ritos de celebração, bandeiras etc., com o objetivo de facilitar sua transformação em uma concepção de identidade, seja de um povo, grupo social, etc. Com o desenvolvimento dos símbolos, estabelece-se uma conexão com o pensamento, que posteriormente se transforma em senso comum, enraizado e normalizado em um contexto social propício para isso.

Nesse sentido, pode-se mencionar que a memória está relacionada a interesses que mantêm a manutenção de certas escolhas de memória de maneira segmentada, a fim de alcançar uma prática seletiva e minuciosa dessas escolhas, destacando assim um determinado recorte específico na história, com o intuito de confirmação e legitimação do poder de um determinado grupo social. Portanto, a memória é uma construção mediada por relações sociais de forma objetiva; é estruturada por relações de poder hierarquizadas, cujo projeto se realiza segundo os interesses dominantes, aspectos de classe, políticos, culturais etc. Isso não é produto do acaso; é resultado da relação e interação entre os diversos atores históricos em um determinado momento conjuntural (BARBOSA, 2014). As decisões sobre o que é lembrado e preservado na memória coletiva, como eventos históricos, figuras e tradições, geralmente não cabem às classes populares. Essas escolhas são feitas por grupos mais privilegiados, com maior poder social e político.

Assim, Ecléa Bósi (1994) relata que a memória seletiva tem como objetivo principal tratar da história oficial celebrativa e comemorativa, que é a vitória do vencedor em apresentar a tradição dos vencidos (p. 19). Sobretudo, trata-se de uma memória política.

Quando um grupo trabalha intensamente em conjunto, há uma tendência para criar esquemas coerentes de narração e de interpretação dos fatos, verdadeiros ‘universos de discursos’, ‘universos e significado’ que dão ao material de base uma forma histórica própria, uma versão consagrada dos acontecimentos. O ponto de vista do grupo constroi e procura fixar a sua imagem para a história. Este é, como se pode supor, o monumento áureo da ideologia com todos os seus estereótipos e mitos. (BÓSI, 1994, p. 67).

Assim, é possível que alguns desses espaços possam ocasionar uma narrativa de memória. Isso pode ser explicado, por exemplo, pelos grupos representados nessa narrativa e pelos perfis de memórias de pessoas ou lugares que estão sendo lembrados. Há uma repetição de símbolos quando uma memória é celebrada. Com isso, a seleção da memória e,

consequentemente, o recorte historiográfico serão repassados de geração a geração. Dessa forma, todas essas questões são analisadas quando observamos uma memória consagrada em uma sociedade, para que se possa entender sua subjetividade em cada detalhe desses símbolos de representação.

Todavia, a construção da memória pode ou não estar necessariamente presente no mesmo espaço-tempo de um determinado contexto social. Isso quer dizer que a celebração do passado como representativo pode variar de um espaço-tempo a outro; assim, os episódios do passado podem estar presentes em qualquer sociedade, o que consiste em uma memória construída. Nesse sentido, o lugar em que uma determinada memória se concretiza está ligado diretamente a um marco particular da história, em conjunto com a base necessária para que isso ocorra, gerando um sentimento de continuidade e extensão de lugares residuais, que são os meios de distribuição posteriormente (POLLAK, 1992, p. 7).

Nora afirma que há meios dessa mediação que estão ligados a singularidades entre história e memória, além de rupturas e continuidades...

“ memória , história ; longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra . A memória é a vida sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações . suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações”(NORA, 1993, p.28).

Assim, esses lugares nascem, se constroem e vivem de algo que vai além do concreto, mas também do campo da subjetividade. Ou seja, é preciso criar dispositivos que possam transferir arquivos, datas e comemorações do individual ao campo do coletivo, que detém o poder de relembrar o que convém para naturalizar o padrão de pertencimento de alguns grupos no âmbito da história social (NORA, 1993).

Com isso, recortes são lembrados no cotidiano das pessoas nas escolhas de símbolos para representar a história de um povo em sua coletividade, a partir de um pequeno grupo específico. Dessa forma, a tendência de se criar certos padrões e modelos de monumentos fundamentados nas escolhas de heróis é bastante linear, já que alguns setores do tecido social detêm o conhecimento e o poder cultural para essa prática de selecionar o que será visto ou lembrado como representativo social.

No entanto, isso pode ser algo bastante corriqueiro. Para que um povo, nação ou grupo social possa se identificar com a construção de determinados símbolos que se concretizam

entre as pessoas, podemos mencionar, portanto, as bandeiras, hinos, estátuas e monumentos que reforçam o sentimento de pertencimento a um lugar na história, vinculando essa característica de unidade e semelhança entre os indivíduos. Tudo isso é possível com uma base enraizada e propícia.

Por outro lado, nesses mecanismos de escolhas, há sempre um lado esquecido. Dessa forma, é importante mencionar os esquecimentos propositais dessas escolhas, ou melhor dizendo, as memórias confiscadas nessa relação de seleção. Evidentemente, se há usos da memória, há também usos do esquecimento. Isso aponta para a possibilidade de instrumentalizar os esquecimentos, que são usados ou que são usáveis para certos fins. Portanto, assim como a história, a memória é lugar e objeto de disputa nas relações de poder em confronto na realidade social (BARBOSA, 2014, p. 21). Le Goff (1996) afirma que..." tornaram-se senhores da memória e do esquecimento" é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva" (p. 426). Ao longo da história, diversos momentos e acontecimentos que não convêm aos grupos dominantes são deliberadamente esquecidos ou silenciados. Esse esquecimento não é acidental, mas sim uma ação consciente que visa ocultar determinados episódios que poderiam questionar as bases de uma ordem estabelecida. Isso se dá tanto por meio da omissão de fatos, como pela reinterpretação de eventos de forma a reforçar uma determinada visão de mundo.

Outrossim, o motivo que pode ser explicado é que, ao se priorizar escolhas pautadas em uma história que represente o ideal de identidade das elites e agentes, exclui-se a perspectiva de uma história vista de baixo, das pessoas comuns, focando apenas em eventos macro historiográficos e nas figuras que pertencem a esse âmbito. Dessa forma, isso pode ser entendido como características de privilégios nas escolhas. Assim, a história do centro cívico de Parnaíba não pode ser entendida de maneira diferente, principalmente no que diz respeito ao significado da sua construção, feita com o objetivo de representar uma memória para a cidade mencionada. Essa análise nos permite considerar o monumento como um desses lugares de memória e representação, uma vez que seus significados são observados na história parnaibana.

Ao analisarmos o Centro Cívico da cidade de Parnaíba, inaugurado em 1966, é importante contextualizá-lo em um período em que havia uma preocupação global em entender e pertencer a uma unidade, buscando suas origens e, principalmente, o surgimento da noção de nacionalismo e identidade nacional. Dessa forma, Parnaíba se insere nessa lógica de

compreender e buscar detalhes de seu passado e sua história. Os monumentos cívicos, como instrumentos de memória, têm a capacidade de eternizar não apenas eventos significativos, mas também de moldar a percepção coletiva sobre o que é considerado digno de ser lembrado. Nesse sentido, eles não são apenas estruturas físicas, mas expressões de um processo contínuo de seleção e valorização. Nesse período de construção de monumentos nacionais para homenagear pessoas e eventos, o monumento cívico se torna o instrumento perfeito para evidenciar essa preocupação, principalmente em relação à construção do monumento, que simboliza feitos grandiosos e figuras importantes da sociedade parnaibana, a construção de monumentos que homenageiam pessoas e eventos relevantes reflete uma preocupação em construir uma narrativa oficial que enaltece feitos grandiosos e figuras que, de alguma forma, representam os ideais e valores da comunidade.

A partir dos anos 1930, o conceito de patrimônio se desenvolve, como aponta o professor Felipe Queiroz de Campos...

Nos anos de 1930 e de 1940, a diplomacia patrimonial tornou-se parte dos projetos nacionalistas de diversas nações. Na América Latina e, mais especificamente no Brasil, esse processo não foi diferente. No caso do Brasil, porém, é possível enxergar, desde o início dos anos de 1930, com a chegada de Getúlio Vargas ao poder, um projeto político de incentivo ao patrimônio histórico (CAMPOS, 2021, p. 91).

O conceito de patrimônio foi se ressignificando nas décadas recentes. A fase que vai de 1936 a 1967 ficou conhecida como a fase heroica do desenvolvimento patrimonial do Brasil no âmbito da preservação. Antigamente, a palavra "patrimônio" tinha um significado relacionado a bens ou hereditariedade, mas seu campo se expandiu, incluindo o patrimônio cultural, artístico e material, e, por último, mas não menos importante, o patrimônio histórico.

Dessa forma, a cidade de Parnaíba possui um centro histórico e paisagístico com construções e monumentos que explicam a história do local. Com a ajuda do Estado e do IPHAN, órgão nacional responsável pela conservação dos patrimônios históricos, artísticos e nacionais, em 2011 foram tombados 830 imóveis, entre eles o Porto das Barcas e o Casarão de Simplicio Dias, que foram importantes para o comércio e a vida social da elite parnaibana (IPHAN, 2011). De acordo com o autor Felipe Queiroz de Campos: “O passado Histórico passou a ser cuidadosamente selecionado pelos mais diversos governos com o intuito de se construir as identidades nacionais [...] a partir dessa ordem burguesa” (CAMPOS, 2021, p.92). Esse processo de seleção histórica não é neutro; ele é carregado de intenções políticas. A

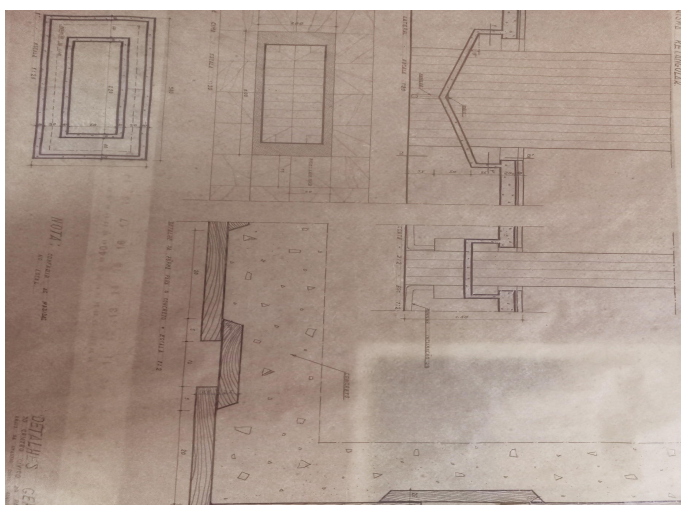
história que chega até nós não é necessariamente a história "real", mas sim uma história construída, muitas vezes, para consolidar o poder das elites sociais, políticas e econômicas

Essa identidade ou memória é formada com base nas diretrizes de uma classe, a burguesa; e essa burguesia e elite local também são responsáveis por moldar a memória das minorias. No entanto, tudo isso tem o intuito de atribuir uma concepção de memória coletiva, a fim de que a população tenha consciência de sua origem histórica e se perceba como um indivíduo pertencente a este local.

Dessa forma, o Panteão, considerado a parte principal, e as pirâmides, que simbolizam a história da cidade. Uma pirâmide de base triangular, com aproximadamente 10 metros, e a pia que simbolizaria o futuro e o civismo. Em frente ao monumento, localizam-se três mastros para o hasteamento das bandeiras do Brasil, do Piauí e de Parnaíba, que são homenageadas em desfiles cívicos no dia 7 de setembro. Podemos compreender que esse local serve para interpretar e perpetuar uma certa memória pública, já que é palco para discursos políticos e comemorações cívicas.

Contudo, o que se compreende como ponto norteador são os períodos e recortes que se quer demonstrar, vinculados aos lugares de comemoração, principalmente em datas comemorativas. Esse é o objetivo principal: criar um lugar que represente a história e que possa ser o palco dessas datas importantes na cronologia da historicidade da cidade de Parnaíba, Piauí.

IMAGEM 02: Planta original do Centro Cívico de Parnaíba (1964)



Fotografia de Erislene Moraes Vieira; Acervo Régis Couto

Nesse sentido, na imagem acima está a planta original do monumento cívico, desenhada pelo arquiteto Régis Couto, alguns pontos do projeto são detalhados acima. Para que um lugar de memória seja fundado, é necessário ter três critérios como pontos fundadores de uma memória coletiva: o primeiro é o acontecimento, ou seja, o marco temporal que se deseja considerar dentro da macro-história. Isso se deve à apresentação de grandes eventos (POLLAK, 1992). O segundo critério são os personagens, que são os protagonistas do triunfo dos acontecimentos históricos; é nesse momento que se eternizam os nomes de pessoas e suas ações. Por fim, os lugares de memória dão projeção às narrativas, e tudo isso foi pensado para que o imaginário do projeto arquitetônico do centro fosse realizado e construído.

Assim, apesar de ter sido inaugurado e considerado moderno para a época, o centro cívico é uma das características marcantes do mandato do prefeito Lauro Correia, com o intuito de relembrar certos episódios da cidade. Ao se pensar na história de Parnaíba, sempre se pontuam o período de crescimento econômico e o líder Simplício Dias da Silva e sua família como figuras de destaque na historiografia, ou seja, sempre membros de uma determinada classe social.

Nesse viés, a memória pode transcender a cronologia (POLLAK, 1992). Compreende-se que, após a implantação de signos que representam ou relembram as pessoas no convívio social, mesmo que simultaneamente as datas estejam ligadas a um ponto de vista político, pode-se falar também de monumentos históricos. A memória pode ser um campo de disputa, no qual a figura política que se quer representar pode priorizar ou excluir certos pontos da história para que se encaixem no modelo de história oficial. Apesar de essa parte da história relatar uma memória e seus personagens, podemos analisar outra interpretação de cunho político no monumento cívico, o que pode ser entendido pelas marcas de conceitos políticos nas homenagens e placas colocadas pelo prefeito Francisco Moraes Sousa, que exerceu seus mandatos entre 2017 e 2024.

Portanto, ele grava, exclui ou relembrar; esse é um trabalho de manutenção que se modifica na medida em que se constitui como organização. Isso pode ser feito de forma direta ou indireta, dependendo do grupo social que a compõe. Assim, o centro cívico pode ser entendido como um desses lugares de disputa, tanto política quanto social, uma vez que suas modificações serão acrescentadas ao longo dos anos com outros líderes municipais.

Diante dessa análise, a memória é algo íntimo, mas também é um fenômeno do coletivo social. Ela pode ser pensada no enquadramento de um grupo, mas também na exclusão de outros, e dentro desse meio, são identificadas hierarquias sócio-culturais. Assim, ela pode ter continuidade ou não, funcionando como uma organização que se regula ou se

autorregula por meio dos indivíduos que detêm o mecanismo de apresentar à sociedade o conceito de memória.

O Palimpsesto da Memória

Durante o período da Idade Média, a prática da escrita foi principalmente aplicada por monges copistas que detinham conhecimento para a tradução de textos. Isso se deve ao fato de que a maior parte da população era de origem pobre e não tinha acesso à educação, que era assegurada apenas a uma parcela mínima, geralmente da classe alta e dos representantes do clero católico. Assim, os textos eram escritos e copiados à mão, um processo que se prolongava por muitos meses. Os pergaminhos eram o principal material utilizado nesse período. Durante os séculos VII e XII, a prática comum de transcrever textos em documentos e pergaminhos envolvia a reutilização do mesmo material, devido à escassez de recursos. O palimpsesto era um manuscrito antigo que servia como recurso, sendo reutilizado a cada nova transcrição. Seu conteúdo era apagado ou raspado para dar lugar a outro. Apesar das mudanças de conceito a cada nova aplicação, seu objetivo principal, que era servir como material para escrita, permanecia intacto.

Trazendo isso para a nossa sociedade, podemos analisar que a memória expressa através dos monumentos pode ter uma concepção semelhante, na qual eles servem para transmitir um ideal de memória. Com o passar do tempo, esses monumentos sofrem transformações, refletindo as mudanças da sociedade, mas seu objetivo inicial de transmitir e apresentar algo permanece.

Desde a construção do Centro Cívico em 1966, pelo prefeito Lauro Correia, ele passou por uma série de transformações durante os mandatos dos chefes de governo locais. Podemos analisar que um monumento é um mediador de uma história ou parte dela, funcionando como um símbolo de identidade social. É válido refletir sobre quem são os mediadores desses interesses públicos e políticos e o que eles desejam repassar. Desde o início, o projeto teve como objetivo desenvolver um palco para celebrar o civismo, servindo como auditório para discursos políticos em datas comemorativas.

Os anos sessenta, marcados por um contexto de ditadura no país, contribuíram para a construção do monumento, que demonstrava que Parnaíba também estava caminhando rumo ao civismo e ao progresso, como o mundo moderno celebrava. O historiador e pesquisador Idelmar Gomes Cavalcante Júnior utiliza o termo "escriturística da saudade" para descrever a forma saudosista de autores parnaibanos ao relembrar a cidade e os grandes homens de sua

história. Segundo o professor, “os literatos, portanto, demonstram toda a sua insatisfação com o tempo; são reativos a ele e aos seus efeitos. Desejam impedir que o fluxo temporal afaste da memória e do cotidiano dos parnaibanos as glórias do passado e, por isso, seus textos propõem a atualização permanente das memórias desse passado glorioso, criando uma espécie de tempo perpétuo” (CAVALCANTE JÚNIOR, 2015, p. 117). Valoriza fortemente as origens, a continuidade e a tradição. Isso significa que essa comunidade imaginada se apoia em uma visão do passado como algo estável e glorioso, exaltando as raízes e os valores que persistem ao longo do tempo.

Assim, os valores morais estavam bem enraizados nesse período, e a construção de um símbolo cívico acalmava as tensões, firmando o conceito de uma cidade que caminhava rumo ao futuro, junto com o civismo e o progresso. Durante os mandatos que se seguiram ao de Lauro Correia, o de José Hamilton, entre 1993 e 1996, também deixou sua marca no monumento. Como afirma Régis, com o objetivo de...

”uma reformulação de um novo monumento para registrar a campanha vitoriosa do sesquicentenário da cidade, a cidade já tinha tanto monumento então resolveram reaproveitar . umas das modificações foi que acrescentaram e aumentaram o prisma principal e a colocação da placa aumentaram mais cinco metros . uma de suas marcas das suas mudanças foi também era a faixa que tem a bandeira com a estrela com iluminação a noite(“ Régis, entrevistado por Erislene Moraes Vieira, no dia 03 de Abril de 2024. P.04 da transcrição. Arquivo pessoal). de 2024. p. 04 da transcrição. Arquivo pessoal

Todas as reformulações do monumento contaram com a participação do arquiteto original Régis Couto. Podemos pensar nesse monumento como um palimpsesto, que, assim como os pergaminhos da Idade Média, era reutilizado após ser limpo e raspado para dar espaço a novos textos. Da mesma forma, ao longo dos governos, o monumento passou por diversas modificações.

Em um período mais recente, o atual prefeito de Parnaíba, Francisco de Assis Moraes Souza, conhecido como “Mão Santa”, ocupou o cargo entre 2017 e 2024. Ele é uma figura conhecida na política do Piauí, tendo sido governador entre 1995 e 2001 e senador pelo estado. A família Moraes Souza possui vários representantes no poder político local, alternando mandatos por muitos anos.

Em 2020, em alusão aos 199 anos da independência do Brasil e durante a solenidade do 7 de Setembro no monumento, o prefeito Mão Santa decidiu fazer um acréscimo ao

monumento cívico da cidade. Desta vez, homenageou o ex-presidente Jair Messias Bolsonaro (2019-2022), uma figura que não estava diretamente ligada à história de Parnaíba, mas que atendia aos interesses políticos pessoais do prefeito. Assim, foi colocada uma placa em homenagem a Bolsonaro, marcando sua visita à cidade.

A mensagem da placa trazia a seguinte reflexão: “É pra cá que são atraídos aqueles que desejam prosperar e viver felizes nesta cidade que se tornou a capital do Delta, civilização luz, sendo a mais avançada diante das dificuldades enfrentadas pela pandemia da Covid-19 e desordens institucionais. Apoiaremos moralmente a todos que fortalecerem nosso presidente Jair Messias Bolsonaro, ungido por Deus e defensor de nossa tradição cristã. Salve Parnaíba, invicta e poderosa”.

Imagem 3; placas em Homenagem a Jair Bolsonaro



Fotografia de Erislene Moraes Vieira. Acervo Régis Couto

Podemos afirmar que as placas no monumento estão imbuídas de pretensões políticas, servindo como uma ferramenta que conecta passado e presente. Para que essa ligação seja aceita, é necessário que a representação proposta seja reconhecida, transformando-se assim em um instrumento de politização que pode impactar o meio social, representando um risco para a memória coletiva. Dentro dessas relações de memória, existe um “jogo de forças e interesses” que, de forma estratégica, confere ao patrimônio, à memória e à política um papel fundamental. As instituições e os representantes do povo detêm o poder de selecionar e preservar esses elementos. Isso se alinha à análise do historiador Pierre Nora (1993), que concebeu a ideia de “lugares de memória” como uma memória fixa e institucional, muitas vezes distorcida.

Uma perspectiva semelhante é apresentada por Silva (2010, p. 39), que argumenta que “o patrimônio, enquanto formação discursiva, é estratégico para o Estado, pois permite a destruição do passado, mantendo apenas um passado”. Na mesma linha, Clésia observa que...

Já apontamos anteriormente que este refazer da memória é, na verdade, uma releitura sobre o passado e “a experiência da releitura é apenas um exemplo, entre muitos, da dificuldade, senão da impossibilidade de reviver o passado tal e qual; impossibilidade que todo sujeito que lembra têm em comum com o historiador” (BÓSI, 1994, p. 59).

Portanto, essa releitura de partes estratégicas da história está intimamente ligada aos interesses individuais de grupos dominantes, com o objetivo de afirmar e relembrar questões políticas, sociais e econômicas. É importante reconhecer que a historiografia não se limita a narrar apenas a história dos vencedores, retratando apenas períodos de glória. Em toda narrativa histórica, existem sempre duas perspectivas: a dos que estão no poder e a dos que estão à margem, frequentemente esquecidos e raramente homenageados em monumentos que simbolizem a identidade social de um lugar ou sociedade. O monumento cívico de Parnaíba não escapa a essa análise crítica.

Outra placa apresentada no Centro Cívico faz alusão à campanha de manutenção do nome da cidade, em 1943, lembrando que um dos objetivos do prefeito Lauro Correia com a construção do monumento era justamente dar ênfase à força da unidade territorial e à manutenção do nome da cidade a mudança de nome representaria uma perda para a cidade e, com a construção de um monumento dedicado a essa luta, buscou dar ênfase à importância de Parnaíba como um símbolo de unidade territorial e cultural.

O objetivo era fazer com que Parnaíba se diferenciasse das demais cidades que tinham o mesmo nome no Brasil. Dessa forma, a placa faz referência aos homens que lutaram pela permanência do nome da cidade, pessoas de grande relevância social e econômica. Os respectivos colaboradores foram: Monsenhor Roberto Lopes Ribeiro, Miroclides Campos Veras, Celso Augusto de Moura Nunes, Francisco Moraes Correia, José Euclides de Miranda, Edson da Paz Cunha — este último homenageado com seu nome em escolas da cidade —, José de Moraes Correia, Thomas Catunda, Benedito Jonas Correia, Heráclito Ararpe de Sousa e Alcenor Neves Candeira.

A representação da campanha do Figueiroa em defesa do comércio e da família (1927) e seus respectivos homenageados ; Constantino Correia , Taufik Safadu, Canuto Campos Veras, Jesis Martins, João Vieira Pinto, Adonias Monteiro, Afonso Vizeu. Por outro

lado, outra homenagem colocada é referente à primeira turma de administração da faculdade de Administração da U. F, P de Parnaíba- Piauí de 1972. mas também a placa do sesquicentenário da cidade (1844- 1994) é outro conceito importante que precisa ser mencionado. Essas personalidades foram vistas como líderes que, através de suas ações, contribuíram para o fortalecimento do comércio e das relações sociais em Parnaíba, essencialmente moldando o perfil da cidade em uma época de crescimento e modernização. A homenagem aos formandos de 1972 é, portanto, uma forma de reconhecimento ao papel da educação na formação das futuras gerações de líderes locais, bem como uma afirmação da importância de Parnaíba no contexto acadêmico e educacional do estado do Piauí.

Além disso, foi feita uma homenagem a um soldado denominado Valdecir dos Santos, cuja placa foi colocada na administração Elias Ximenes do Prado: ‘Em 1974, houve uma grande cheia na bacia do rio Parnaíba. Nossa cidade e as ilhas do delta foram particularmente muito atingidas. As autoridades federais, estaduais e municipais, bem como as lideranças civis da comunidade, entidades religiosas e os atiradores do Tiro de Guerra 100-12, fizeram tudo o que podiam para amparar 12 mil flagelados. O atirador de número 244, Valdecir dos Santos, em missão de distribuição de víveres aos nossos cidadãos necessitados, faleceu. A ele, herói desta grande jornada, a homenagem da cidade agradecida.’ Essa homenagem é mais do que um simples tributo a um herói local. Ela faz parte de um processo mais amplo de construção da memória da cidade, especialmente no que tange aos eventos que marcaram a história de seus habitantes. O fato de Valdecir ter sido lembrado por sua ação altruísta durante a tragédia evidencia como, em momentos de crise, figuras anônimas podem se tornar símbolos de resistência, coragem e solidariedade. Essa é uma característica típica de como os monumentos e homenagens funcionam: não apenas como recordações de eventos, mas como elementos que ajudam a construir uma visão de identidade e de valores compartilhados.

Pode-se analisar, portanto, que todas essas contribuições estão inseridas nos campos político e social, relembrando campanhas, homens e feitos importantes na sociedade. O Centro Cívico, nesse contexto, pode ser compreendido como um *palimpsesto* da memória coletiva, um espaço simbólico que acumula camadas de significados ao longo do tempo, à medida que novas contribuições são feitas. Cada ato de lembrança, cada homenagem e cada registro histórico agregado ao monumento oferece uma nova interpretação, reconfigurando constantemente o seu sentido original. A palavra “palimpsesto” é frequentemente utilizada para descrever manuscritos antigos que, ao longo dos séculos, foram reutilizados, com novos textos sendo escritos sobre os antigos, de modo a preservar, ao mesmo tempo, o que foi apagado e o que foi acrescentado. Da mesma forma, um monumento cívico, à medida que o

tempo passa, vai recebendo novas homenagens, novos nomes e novos significados, sem que as contribuições anteriores desapareçam por completo. Cada ato de lembrança — seja uma placa, uma inscrição ou uma cerimônia — acrescenta uma nova camada à compreensão do monumento, permitindo que ele configure O que começou como um tributo a um evento ou uma figura específica pode, com o tempo, incorporar novas narrativas, novos símbolos e novos protagonistas, ampliando e complexificando o seu significado. Esse processo de atualização não significa apagar o passado, mas, sim, dar a ele um novo contexto, onde novas interpretações podem surgir e novas camadas de sentido podem ser agregadas.

Considerações Finais

A análise do Centro Cívico de Parnaíba revela não apenas a intenção de celebrar a história e os feitos de figuras proeminentes, mas também expõe as complexas interações entre memória, poder e identidade. A construção desse espaço memorial, iniciada sob a gestão de Lauro Correia e subsequentemente modificada por outros líderes, ilustra como os monumentos podem servir como instrumentos de legitimação de narrativas históricas que refletem os interesses da elite.

Além disso, a inclusão de homenagens a figuras contemporâneas, como Jair Bolsonaro, sob o governo de Francisco Morais Sousa, ressalta a politização da memória e a utilização de símbolos para reforçar uma determinada ideologia. Esses eventos mostram como a memória não é uma entidade estática, mas sim um campo de disputas, onde o passado é reinterpretado e moldado para atender a fins políticos.

O Centro cívico, longe de ser apenas um registro estático do passado, é um campo de tensões, um espaço de ressignificação constante, onde múltiplas narrativas se encontram, se confrontam e se reconfiguram. Em Parnaíba, como em muitas outras cidades, o monumento não representa apenas o esforço de homenagear figuras que são reconhecidas oficialmente, mas também um reflexo das disputas e das escolhas que definem quais narrativas são celebradas e quais são silenciadas. A construção da memória não pode se limitar a uma visão homogênea do passado; deve ser uma história que respeite e valorize a diversidade de experiências vividas pelos diferentes grupos da sociedade.

Portanto, o Centro Cívico não apenas representa um lugar de memória, mas também um espaço de luta e negociação das identidades coletivas de Parnaíba. Ao considerar os relatos de indivíduos e grupos marginalizados que não estão presentes na narrativa oficial, é

fundamental ampliar a compreensão da história local. Em muitos casos, os monumentos refletem as conquistas e os feitos de grupos que detêm o poder político, social e econômico, enquanto figuras e acontecimentos de outros grupos — frequentemente marginalizados — permanecem à margem dessa narrativa oficial. Assim, a construção da memória coletiva deve ser um esforço inclusivo, que respeite e valorize a pluralidade de experiências e vozes presentes na sociedade

Referências bibliográficas

BÓSI, Eclésia. (1994). *Memória e sociedade: lembranças de velhos* (3a ed.). São Paulo: Companhia das Letras.

BARBOSA, Luciene Leal da Costa. *Monumentos históricos e a cultura local; um olhar sobre o complexo cultural são Francisco*. 2014. João Pessoa; Universidade Estadual da Paraíba, 2014.

CASTRO, Francisco José Leandro A. de . 1964; memórias e culturas políticas no Piauí. Teresina; Cancioneiro, 2022.

CAVALCANTE JÚNIOR. Idelmar Gomes. A ESCRITURÍSTICA DE UMA SAUDA-DE PARNAIBANA: História, tempo e espaço na cidade de Parnaíba-PI. In. LIMA, Frederico Osana Amorim. CAVALCANTE JÚNIOR. Idelmar Gomes; LIMA, Frederico Osana Amorim. (Org.). PARNAÍBA: Ver, sentir e dizer. Parnaíba: Sieart, 2013, pp. 111-126.

COUTO, Régis de Athayde. O Centro Cívico. (Entrevista concedida a) Erislene Moraes Vieira. Parnaíba, 4 de Abril . 2024.

IPHAN. **Perguntas frequentes.** Disponível em<<http://portal.iphan.gov.br/perguntasFrequentes?categoria=9>. Acesso em: 02 de nov. 2023.

IPHAN.**Perguntasfrequentes.**Disponívelem<<http://portal.iphan.gov.br/perguntasFrequentes?categoria=9>. Acesso em: 02 de nov. 2023.10.34019/2359-4489.2021. v7.34531.Disponível em:<https://periodicos.uPrefeito Mão Santa inaugura placa em homenagem a Jair Bolsonaro - GP1>

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

MOREIRA, Aldenora Mendes. Personalidades atuantes da história de Parnaíba ontem e hoje. Edição da autora, Parnaíba, s/d.

NASCIMENTO, Maykon Cesar Silva Do. *Simplicio Dias: entre a ficção e o fato na produção memorialística parnaibana da década de 1980*. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Plena em História) - Faculdade Internacional do Delta. Parnaíba – Pi, 2015.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História. São Paulo: PUC-SP. N° 10, p. 12-28. 1993.

PASSOS, Caio. *Cada rua uma História; Parnaíba*, Parnaíba, 1982, p. 03.

POLLAK, Michel. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p.200 a 212.

QUEIROZ DE CAMPOS, F. *O conceito de patrimônio nos discursos de Getúlio Vargas : uma estratégia ambivalente. Faces de Clio*, [S. l.], v. 7, n. 14, p. 91–110, 2021.DOI:

REGO, Junia Motta Antonaccio Napoleão do. *Dos Sertões aos Mares: história do comércio e dos comerciantes de Parnaíba (1700-1950)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense. Niterói: 2010.

REGO, Junia Motta Antonaccio Napoleão do. *Dos sertões aos mares: história do comércio e dos comerciantes de Parnaíba, Piauí*. – Teresina: EDUFPI, 2013

.SILVA, Lúcia. A trajetória de um conceito: *Patrimônio, entre a Memória e a História*. Mosaico – Revista Multidisciplinar de Humanidades, Vassouras, v. 1, n. 1, p. 36-42, jan./jun., 2010.

TOURINHO, Mary Angélica Costa. *Por dentro da história: mulheres operosas no mundo do comércio em Parnaíba (1930 a 1950)*. Tese de doutorado, Assis-SP, UNESP, 2015.

VERAS, Alexandra. *Do Pioneirismo aos lugares de memória ; O caso dos remanescentes das indústrias moraes S/A, em Parnaíba, Piauí*. Anpuh-Brasil- 30 simpósio nacional de história, Recife, 2019.

Fontes

Almanaque da Parnaíba, 1964. Parnaíba, 1964. p.34.

Almanaque da Parnaíba, 1924. Parnaíba, 1924. p.10

COUTO, Regis de Athayde. Entrevista concedida a Erislene de Moraes Vieira. 03 Abr 2024. Acervo da pesquisadora.